



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Primeiro Ministro

ENCONTRO COM YASSER ARAFAT

Em S. Bento; das 10,45' às 11,50 h
dia 2 de Novembro

- 1 - Começou Yasser Arafat por agradecer a maneira como fora recebido pelo G.P., tanto mais que certamente não teria sido fácil tomar tal decisão.

- 2 - A P.M. referiu a influência árabe na formação portuguesa e bem assim as afinidades culturais e valores comuns que era desejo português projectar em termos políticos. Assinalou a consistência da política portuguesa nos últimos cinco anos acerca do problema do M.O., reflectida aliás nas posições que Portugal tem assumido no sistema das Nações Unidas.

Destacou os aspectos principais da posição portuguesa sobre o M.O., insistindo sobre a necessidade desta questão ser encarada em termos globais. Sublinhou a actual presidência portuguesa da Comissão do Conselho de Segurança sobre os territórios árabes ocupados e o apoio que sempre temos dado à causa palestiniana.

Do mesmo modo, salientou que o Estado de Israel, com quem temos relações diplomáticas, é um facto histórico que não desejamos pôr em dúvida, pelo que apreciariamos conhecer a posição da OLP quanto a este ponto.





Assinalou a seguir o esforço português de aproximação face aos países árabes e a preocupação que nos inspirava a divisão da nação árabe.

Referiu seguidamente que o apoio português à causa palestiniana constitui uma decisão política que não tem sido fácil assumir perante a orientação por vezes divergente dos nossos principais parceiros.

Por outro lado, esse apoio ganharia uma outra força concreta no plano internacional se fosse acompanhado de um reforço das relações com os países árabes que, apesar dos nossos esforços, continuam a ter um perfil de certo modo reduzido.



Fundação Cuidar o Futuro

Finalmente, afirmou que embora este Governo seja transitório não prevê no futuro nenhuma mudança substancial na política do G.P. quanto ao M.O.

- 3 - Arafat expôs a seguir a situação do povo palestino. Foi que na altura da declaração Balfour a população judaica da Palestina correspondia apenas a 5% do total, não ultrapassando 56.000 pessoas. Presentemente, 60% do povo palestino encontra-se exilado e 40% sob ocupação, continuando a ver ignorados os seus direitos humanos básicos. Face à tragédia que defrontam os palestinianos vêm-se obrigados a lutar contra a opressão israelita e continuarão essa luta pois não têm outra alternativa perante a intran



sigência de Israel.

Aliás tudo o que pedem é apenas o cumprimento de resolução da partilha da Palestina, aprovada pelas N.U. em 1947 e que contemplava a constituição de dois Estados. Posteriormente, em 1949, no próprio dia em que foi aceite na ONU, Israel assinou com a Siria, a Jordânia, o Líbano e o Egipto o protocolo de "Lausanne". Neste protocolo, Telavive aceitava a resolução que consagrou a partilha da Palestina e o reconhecimento de um correspondente Estado árabe.

Os palestinianos têm aliás proposto várias soluções, entre as quais duas que lhe parecem realistas: no Congresso Nacional Palestino, em 1969, avançaram a ideia da constituição de um Estado democrático que pudesse integrar árabes, judeus e cristãos; posteriormente, propuseram o estabelecimento de um Estado palestiniano independente nos territórios palestinos ocupados por Israel. Porém a estas propostas construtivas, Israel tem respondido que a única intenção da OLP é destruir o Estado de Israel, ou criar uma base de penetração da URSS.

A seguir abordou o acordo de Camp David que criticou, considerando-o inaceitável. Como exemplos referiu a inexistência de qualquer garantia, mesmo quanto a uma eventual autonomia, e bem assim o controle por Israel das fontes de abastecimento de água.





Recordou ainda que se encontram presos em Israel cerca de 24 mil palestinos, observando-se frequentes violações dos direitos humanos.

Desejaria no entanto sublinhar não se tratar de uma guerra contra o povo judeu (têm aliás vários judeus na própria OLP) ou de um conflito religioso, mas sim de uma luta contra uma ideologia fascista e expansionista - o sionismo.

Destacou ainda que embora a importância estratégica do M. O. como produtor de petróleo tenha vindo a complicar ainda mais este problema, surge aqui a possibilidade de a usar como elemento de negociação. Os países árabes já declararam que efectivamente usarão o petróleo como arma para obter a resolução da questão e esta não poderá ser obtida sem o concurso da OLP.

- 4 - A uma pergunta da P.M., Arafat afirmou depois que não vê qualquer abertura de Israel para uma solução pacífica. Aliás, as presentes dificuldades do Governo de Telavive reflectiam que as negociações derivadas do Acordo de Camp David chegaram a um ponto crítico. Disse igualmente não acreditar em qualquer evolução positiva com outro eventual Governo israelita, incluindo governo trabalhista.
- 5 - A uma outra pergunta, acerca das relações com a Jordânia, Arafat declarou que a Cimeira de Bagdad aceitara o estabelecimento de um estado palestino entre a Jordânia e Is





rael, tendo o rei Hussein já afirmado a sua concordância. Sublinhou também as excelentes relações com a Arábia Saudita que apoia financeiramente a OLP.

- 6 - A P.M. ao referir presentes desenvolvimentos das relações de Portugal com os países árabes, designadamente com o Iraque, aludiu brevemente às dificuldades com o estabelecimento de relações com a Arábia Saudita. Neste quadro abordou a seguir a próxima entrada de Portugal na CEE, o que dará à posição portuguesa de apoio aos palestinos uma nova força. Esta será todavia tanto mais importante se as relações portuguesas com os países árabes também se consolidarem e normalizarem; aliás Portugal já deu prova bastante do seu empenho em defender a causa palestiniana, que considera justa e legítima, nomeadamente defendendo o direito palestiniano a ter uma Pátria, esperando que da parte dos países árabes possamos colher identico espírito de amizade e colaboração.
- 7 - Arafat agradeceu mais uma vez a "corajosa atitude" do G.P. em o receber. Recordou a situação critica do povo palestiniano, sublinhando que Portugal poderá ter um papel importante junto dos países europeus em defesa da questão palestiniana. Pedia que os contactos agora estabelecidos com a sua viagem fossem continuados através do representante da OLP em Madrid que iria receber instruções para se deslocar a Portugal oportunamente.





PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Primeiro Ministro

-6-

Estava grato pelas atenções que recebera e, por sua parte, não deixaria de contribuir junto dos países árabes para o reforço das relações com Portugal o que, estava certo, iria acontecer brevemente de forma concreta e clara.

Lisboa, 2 de Novembro de 1979

NOTA: Acompanhavam Yasser Arafat, o representante da OLP junto da ONU (Habib Terzi) e os membros do Comité Executivo da OLP Mohamad Nashashibi (Secretário Geral Executivo) e Yasser Ahrabba (encarregado dos assuntos de informação).

